Aparecida mulher

Há 300 anos foi encontrada, nas águas do Rio Paraíba do Sul, por três homens pobres, uma pequenina imagem em argila da padroeira de Portugal, Nossa Senhora da Conceição. Naquela altura — 1717 — o Brasil era a colônia garantidora dos faustos da coroa portuguesa. Aqueles homens tiravam do rio e da terra o sustento de suas vidas quase sub-humanas. Na ocasião da invenção da imagem, eles tinham a tarefa de oferecer um banquete de peixes a um rico mandatário da administração colonial. Depois de uma árdua jornada sem conseguir pescar, eles primeiramente encontraram o corpo da imagem. Em outro lance de rede, apareceu-lhes a cabeça da imagem que hoje é conhecida como Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil. A pesca foi abundante depois do acontecido.

Quem imaginaria que aquele lugar se haveria de tornar um grande centro de peregrinação cristã no continente americano? Com efeito, Aparecida é uma pequena cidade toda construída ao redor do santuário dedicado ao culto cristão e à devoção à mãe de Jesus Cristo, fato pouco constatável em outras cidades do mundo cristão.

Percebe-se da observação da história do achado da imagem de Nossa Senhora Aparecida que a única mulher envolvida na narrativa é aquela a quem a imagem se refere: Maria, a mãe de Jesus. Todos os outros personagens relatados são do sexo masculino, acentuando o quanto a mulher é relegada a um suposto segundo plano — ou ao esquecimento — na história das sociedades humanas, principalmente em se tratando das sociedades ocidentais.

Há muita estrada a caminhar quando se trata do papel da mulher nas sociedades. Apesar de que a participação dela no mercado de trabalho e os salários pagos a ela terem crescido, ela continua a ser vista e remunerada como inferiores a seu semelhante do sexo masculino. Todavia o trabalho não diz respeito apenas a atividades remuneradas, por isso as mulheres têm jornada laboral quase cinco horas superior aos homens. Dados do IBGE asseguram que as mulheres respondem atualmente por quase 44% de toda a mão de obra brasileira. Mas se considerarmos a participação delas em nível do posicionamento de cargos, constatamos que representam 37% dos cargos de direção e gerência. Entre os executivos de grandes empresas, as mulheres contam apenas 10% no Brasil. Na média, a mulher ganha 76% do salário pago aos homens. Em cargos de direção, a proporção cai para

68%. Cargos mais altos e escolaridade superior escancaram a desigualdade entre homens e mulheres.

A situação se mostra igualmente gritante quando o assunto é educação. As estatísticas mostram que, em média, a escolaridade feminina é um pouco maior: a mulher tem oito anos de estudo; o homem, 7,6 anos. No entanto, no ambiente da educação, a doutrina dos direitos humanos se encontra ainda longe de alcançar o nível de respeito e igualdade de oportunidades entre mulheres e homens. Numericamente, a educação é composta em sua maioria por mulheres: há muito mais professoras do que professores; funcionárias do que funcionários; as alunas são mais presentes do que os alunos; as mães acompanham os processos educacionais muito mais do que os pais. Todavia, os cargos de comando serão ocupados majoritariamente por homens.

O ambiente educacional apenas reflete domínio masculino na maioria das sociedades. O mais duro, porém, é que esse poder se faz sentir, infelizmente, na forma mais deplorável do machismo: a violência. Assédios e agressões físicas, emocionais ou verbais contra a mulher acontecem a cada cinco minutos em nosso país, sem falarmos nos casos de assassinato.

Em nível das igrejas cristãs, o caminho de emancipação das mulheres também se mostra em seus primeiros estágios, malgrado o cristianismo ter iniciado seu terceiro milênio. Às mulheres é praticamente relegado apenas o papel de ovelhas, ainda que sejam elas as que mais participam dos cultos e agremiações cristãs. Se essas ovelhas decidissem não mais comparecer ao redil, a situação numérica do cristianismo seria radicalmente outra.

O fato que deu origem à devoção a Nossa Senhora Aparecida mesmo após 300 anos se mostra uma metáfora viva da situação da mulher nas sociedades ocidentais. A imagem só foi encontrada no rio porque lá foi jogada, proposital ou acidentalmente. Não é esse o descarte que acontece com as mulheres em nossas sociedades? Elas são descartadas de modo proposital e também de modo acidental. Ambos os descartes têm de ser superados. Se formos ao fundo da convivência humana, há que se resgatar a mulher da situação em que se encontra e fazê-la protagonista efetiva das sociedades. O movimento da história nos obriga a superarmos a situação cômoda em que o machismo se tem mantido nos vários ambientes sociais. Só restará a todos reconhecermos o aparecimento da mulher. Ela vem às redes da humanidade, vem humanamente desfigurada, destruída, sem face. O encontrá-la exige o compromisso de construir a cidade, onde elas estejam no lugar que lhes é atualmente negado.

Delmar Cardoso
Editor